

Relatório de Gestão – Jan/24

Rio Macro FIC de FIM

Macro				
FUNDO	% JAN/24	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
RIO MACRO FIC DE FIM	0,19	0,19	10,28	96,02
VS. CDI	19,78	19,78	79,89	92,97

ATRIBUIÇÃO DE PERFORMANCE	% JAN/24	% ANO	% 12 MESES	% ACUMULADO
Caixa	0,95	0,95	12,67	95,10
Juros	0,00	0,00	0,05	36,20
Moedas	-0,41	-0,41	0,39	3,16
Bolsa	-0,11	-0,11	0,14	4,56
Ativos externos	-0,03	-0,03	-0,33	-4,85
Custos	-0,21	-0,21	-2,65	-38,53
Total	0,19	0,19	10,28	95,65

início: 31/08/2015

Em janeiro nós aumentamos a venda de dólar contra o real via futuros e opções e iniciamos uma posição comprada em yen contra o dólar. Aumentamos também marginalmente a compra do índice de *small caps* e a venda de S&P futuro.

Janeiro foi um mês negativo para os mercados de países emergentes. Mais uma vez, a entrevista de J. Powell após a decisão do FED de manter os juros inalterados foi o grande destaque. Ao praticamente descartar o início do ciclo de queda de juros na reunião de março, a curva de juros subiu de patamar. O relatório de emprego divulgado dois dias depois corroborou a força do mercado de trabalho e a resiliência da economia americana. Do lado positivo, Powell indicou que não precisa ver números mais baixos de inflação, mas sim que eles continuem repetindo as últimas leituras, o que demanda apenas um pouco mais de tempo para se ter confiança em começar o ciclo de queda de juros. A discrepância entre os núcleos do CPI e do PCE em um ambiente saudável de emprego e de crescimento econômico deixa o FED confortável para não se apressar no afrouxamento monetário. O mercado chegou a precificar 150 p.p. de queda de juros nesse ano, enquanto o último gráfico de pontos divulgado pelo FED apontava para uma redução de 75 p.p.

Na zona do euro os índices de inflação vieram ligeiramente acima das expectativas enquanto a atividade segue bem fraca. O BCE não quis dar um *guidance* mais preciso em relação ao início da flexibilização monetária, mas se encontra numa posição pior que a do FED, uma vez que, se esperar muito pode jogar a economia numa recessão mais profunda.

A China teve um crescimento de 5,2% em 2023, mas não inspira muito otimismo. O mercado imobiliário e o consumo seguem fracos num quadro de desconfiança em relação à sustentabilidade do modelo econômico que parece estar se exaurindo.

Portanto, nesse início de 2024 o dólar se fortaleceu diante de todas as moedas e o S&P subiu com grande destaque das big techs - principalmente das mais envolvidas em AI – na esteira de uma economia americana ainda pujante. Powell foi infeliz na reunião do FOMC de dezembro, ao sinalizar que o início do ciclo de queda de juros estava próximo e teve que corrigir a rota no último encontro. Agora a curva de juros nos EUA está num nível um pouco mais condizente com o nosso cenário.

No Brasil houve poucas novidades em relação à agenda do ministro Haddad de incrementar as receitas na sua busca por um maior equilíbrio nas contas públicas. O mercado segue prevendo um déficit em torno de 0,7% do PIB para este ano e a dúvida é de quando será revista a meta e para quanto.

No que concerne a economia, o ritmo da atividade desacelerou moderadamente, mas segue saudável, com uma política fiscal frouxa e desemprego baixo para padrões históricos. A inflação apresenta uma composição em que os preços de bens estão bem comportados, mas os núcleos dos serviços tiveram um repique nas últimas medições e são motivo de atenção. O BC cortou os juros em 50 p.p. e sinalizou mais duas quedas iguais. Neste momento a autoridade monetária dá sinais de estar fortemente dependente das ações do FED e atento às reações do mercado em relação à política fiscal.

Atenciosamente,

Equipe Rio Gestão de Recursos.